

MOBILIDADE ESPACIAL DOS INDÍGENAS VENEZUELANOS WARAOS PARA O ESTADO DO ACRE: TRAJETÓRIA E AS CONDIÇÕES DE VIDA NA CAPITAL RIO BRANCO

Esp. Dival Vieira de Araújo Neto^{2*}, Dr. José Alves³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6735-1660>; <https://orcid.org/0000-0002-5464-8940>

²Especialista em Docência do Ensino Superior pela Unicesumar e discente do Programa de Pós-graduação Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil,

³Docente da Universidade Federal do Acre dos cursos de Graduação em Geografia do CFCH e do Programa de Pós-graduação em Geografia, CFCH, Rio Branco, Acre, Brasil.

*divalnetto@hotmail.com

Recebido em: 20/06/2022; Aceito em: 24/06/2022; Publicado em: 15/07/2022

DOI: <https://doi.org/10.29327/268458.4.1-2>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a mobilidade espacial e as condições de vida dos indígenas venezuelanos Warao na cidade de Rio Branco (AC), em especial a partir do mês de outubro de 2019, destacando a contextualização histórica, a compreensão do percurso escolhido, as condições de moradia, o acompanhamento realizado e a legislação referente ao acolhimento. Metodologicamente, foi adotada uma abordagem qualitativa com trabalho de campo e leituras de diversos autores que pesquisaram os Warao no Brasil e na Venezuela. Portanto, a experiência desta investigação, no período de outubro de 2019, deverá iluminar a análise da migração venezuelana indígena que está avançando para o Brasil e com os acontecimentos em seu país de origem, estão emigrando e deslocando por diversas rotas e chegando no Acre.

Palavras-chave: Warao; Acre; mobilidade espacial.

SPATIAL MOBILITY OF THE VENEZUELAN WARAOS INDIGENOUS TO THE STATE OF ACRE: TRAJECTORY AND LIFE CONDITIONS IN THE CAPITAL RIO BRANCO

ABSTRACT

This article aims to understand the spatial mobility and living conditions of the Warao Venezuelan indigenous in the city of Rio Branco (AC), especially from October 2019, highlighting the historical contextualization, the understanding of the chosen path, the housing conditions, the monitoring carried out and the legislation regarding the reception. Methodologically, a qualitative approach was adopted with fieldwork and readings from several authors who researched the Warao in Brazil and Venezuela. Therefore, the experience of this investigation, in October 2019, should illuminate the analysis of the indigenous Venezuelan migration that is advancing to Brazil, and with the events in their country of origin, they are emigrating and moving through different routes and arriving in Acre.

Keywords: Warao; Acre; Spatial Mobility.

MOVILIDAD ESPACIAL DE LOS INDÍGENAS WARAOS VENEZOLANOS PARA EL ESTADO DE ACRE: TRAYECTORIA Y CONDICIONES DE VIDA EN LA CAPITAL RIO BRANCO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender la movilidad espacial y las condiciones de vida de los pueblos indígenas Waraos venezolanos en la ciudad de Río Branco (AC), especialmente a partir de octubre de 2019, destacando la contextualización histórica, la comprensión de la ruta elegida, las condiciones de vivienda, el monitoreo y la legislación relacionada con la acogida. Metodológicamente, se adoptó un enfoque cualitativo con trabajo de campo y lecturas de varios autores que investigaron el Warao en Brasil y Venezuela. Por lo tanto, la experiencia de esta investigación, en el período de octubre de 2019, debe iluminar el análisis de la migración indígena venezolana que avanza hacia Brasil y con los acontecimientos en su país de origen, están emigrando y desplazando varias rutas y llegando a Acre. **Palabras clave:** Warao; Acre; movilidad espacial.

1. INTRODUÇÃO

Os indígenas Warao são originários da região Nordeste da Venezuela, oriundos da região do Delta Orinoco, principal bacia hidrográfica do país que percorre por vários estados e transpassa o limite territorial com a república da Guiana. Entretanto, a partir da segunda metade século XX com diversas intervenções realizada pelo Estado nos territórios indígenas forçaram essas pessoas a migrarem internamente para os centros urbanos do país e, no início do século XXI, com o agravamento das crises socioeconômica, política e humanitária venezuelana forçou a mobilidade transfronteiriça para o Brasil.

Em solo brasileiro esses venezuelanos continuam sua mobilidade espacial, saindo do estado de Roraima, que faz fronteira geográfica com o país venezuelano e seguindo para outros estados da região Norte como Amazonas, Pará, Rondônia e o Acre, subsequente, para outros estados da federação.

O presente artigo tem como objetivo compreender a mobilidade espacial e as condições de vida dos indígenas venezuelanos Warao na cidade de Rio Branco (AC), em especial a partir do mês de outubro de 2019 (poucos meses da Pandemia da Covid-19), destacando a contextualização histórica, a compreensão do percurso escolhido, as condições de moradia, o acompanhamento realizado e a legislação referente a eles no recorte espacial estudado.

O enfoque é a mobilidade espacial desse povo indígena migrante que escolheu o Brasil, em meados de 2014, e mais recente, o estado do Acre no ano de 2019 para ser local de refúgio. Além de investigar a forma de acolhida, tanto dos governos das três esferas, mas também da sociedade civil.

Para a realização deste trabalho foi adotada a metodologia qualitativa e foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa e revisão de bibliografias, com leituras de

artigos, monografias, dissertações, teses, jornais, livros, revistas, *sites* e leis, tanto de autores que pesquisaram os Warao no Brasil e Venezuela. Também realizamos a pesquisa empírica com trabalho de campo na cidade de Rio Branco (AC), em outubro de 2019, e dessa forma foi feita uma visita “*in loco*” na residência onde estavam morando em Rio Branco (AC). A visita foi realizada com o apoio da equipe da Diretoria de Políticas de Direitos Humanos da SEASDHM para averiguar a situação dos indígenas que era formado por um grupo de 11 pessoas.

Assim, esta pesquisa iniciou no Grupo PET Geografia da Universidade Federal do Acre (Ufac), estando vinculada ao Grupo de Estudo em Produção do Espaço na Amazônia (GEPEA), ao Projeto de Pesquisa Internacional “Quem Está Construindo o Desenvolvimento Sustentável? Transformando Trabalho Exploratório em Corredores Migratórios no Sul”, da Universidade de Sthathclyde da Escócia – Reino Unido em parceria com o curso de Geografia da Ufac.

A estrutura do texto está definida em quatro partes: a primeira aborda a trajetória do povo Warao dentro do território venezuelano; a segunda versa sobre mobilidade dos indígenas para o Brasil; a terceira sobre a mobilidade até o estado do Acre; e a quarta aborda a situação dos imigrantes Warao em Rio Branco (AC) no mês de outubro de 2019.

2. OS WARAO: TRAJETÓRIA DE UM POVO

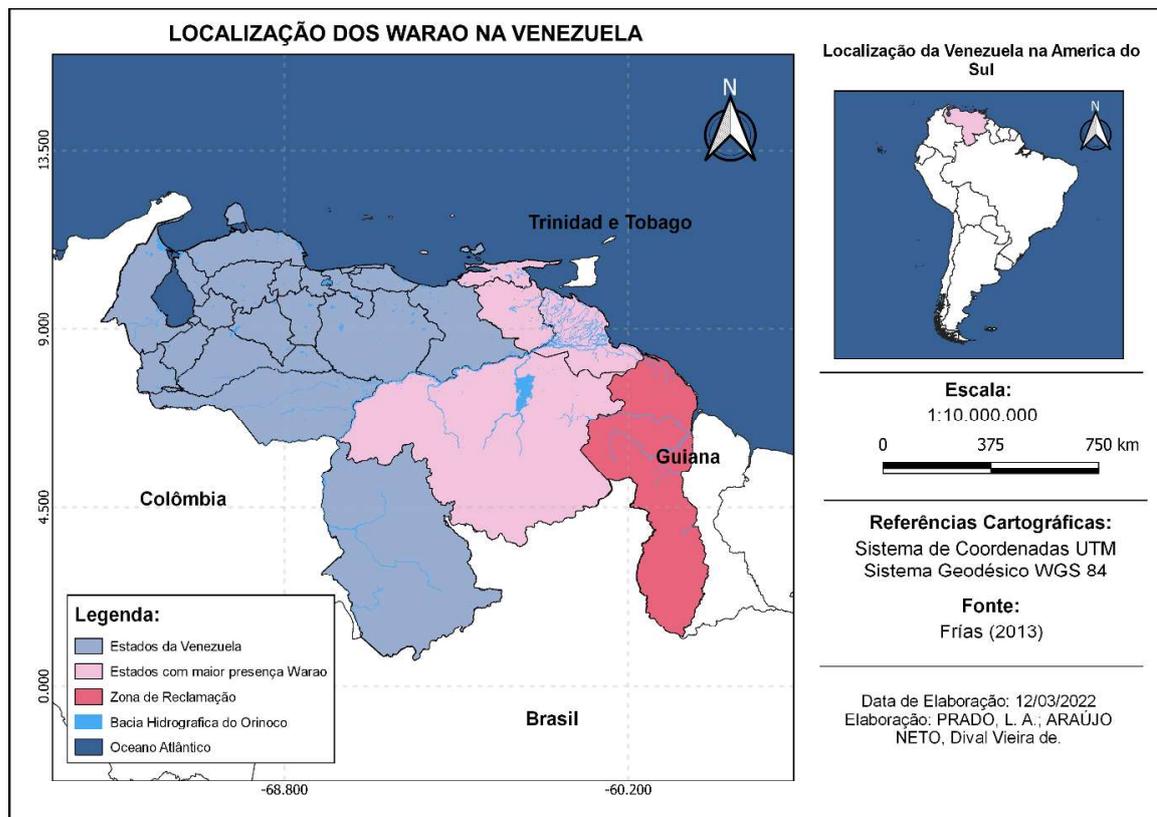
Os Warao é uma etnia indígena nativa da República Bolivariana da Venezuela, localizados na parte nordeste do país. São oriundos da região do Delta Orinoco, principal bacia hidrográfica do país, que percorre sinuosamente por diversos estados e a vida desse povo está interligada culturalmente, socialmente e ambientalmente a este importante rio (Mapa 01).

Conforme Frias (2013)

El Delta del Orinoco no sólo es el punto de partida de la mayoría de los grupos que poblaron las Antillas, es también el lugar de residencia de la mayor parte de la etnia warao. Los waraos son un grupo étnico aborigen que habita principalmente en el Delta del Río Orinoco, aunque habitan también en los estados de Sucre y Monagas en el Noreste venezolano, y en los vecinos países de Guyana y Surinam. En Guyana se encuentran ubicados en el bajo Moruca y Pomeroon, aunque se les encuentra también tierra adentro en la zona de Orella. (FRÍAS, 2013, p. 12).

Temos que destacar que a Venezuela possui uma tensão geopolítica na América do Sul, localizada na sua fronteira Leste, na denominada ‘zona de Reclamação’ ou região Essequiba que atualmente pertence a vizinha Guiana e essa região possui uma disputa histórica entre os dois países pelo seu domínio.

Mapa 01: Localização dos Warao na Venezuela



Fonte: Org. do autor.

Por causa dessa relação com o rio, os indígenas venezuelanos Waraos se autodenominam “povo da canoa” e suas atividades econômicas estão relacionadas à pesca, à agricultura e a retirada de matérias-primas extrativistas.

Pela forte ligação com as águas, o povo Warao tem a característica de serem pescadores e dependendo de onde a comunidade está localizada, a pesca é a principal fonte de renda dessas pessoas. Outra produção forte é o buriti, que serve como alimento na produção de farinha, porém sem apoio governamental, não produzia com tanta regularidade.

Conforme o MPF de Roraima (2017)

Em relação à pesca, esta é realizada – a depender da localização da comunidade – tanto em vias fluviais quanto marinhas, o que inclui a captura de moluscos, caranguejos e quelônios. Em relação ao aproveitamento do buriti, foi destacada a sua importância como alimento (como para a produção de farinha yuruma), para recobrir as suas habitações palafíticas, como item de cestaria e para o fabrico de arpões utilizados na pesca. Relatam que embora parte significativa da região tenha se tornado imprópria à agricultura e que encontrem dificuldade para realizar a prática sem o apoio das instituições venezuelanas, que ela

permanece importante em algumas das comunidades de onde provêm. (BRASIL/MPF, 2017, p. 13).

Frías (2013) aborda que uma das várias formas de subsistências dos Waraos, que é a retirada especializada do Moriche (*Mauritia flexulosa*) que no Brasil é conhecida como Buriti. Na região do Delta esta planta é muito numerosa e com isso além de produzir alimento, serve para fazer vários objetos para uso próprio ou vender como artesanato.

E sobre a organização familiar, o Ministério público de Roraima (2017) demonstra em no parecer técnico (01.2017) que o modo familiar Waraos, os mais velhos têm o papel de liderança, principalmente os homens, que ficam na posição de Aidamo, chefe de comunidade e da família. A mulher, também tem papel o fundamental, pois, nas ausências dos esposos, assumem papel da organização do lar, principalmente nos meios urbanos, conseguem mais doações quando realizam coleta nas ruas da cidade e gerenciam na distribuição, além da organização deste trabalho, também não deixam os seus ritos culturais e religiosos, por onde passam no contexto urbano das cidades brasileiras.

Mesmos com as adaptações culturais e sociais, os Waraos sofreram com diversas alterações no espaço de moradia em seus territórios originários, desde a poluição dos afluentes do Orinoco, à expansão da agricultura; com isso “forçaram” esse povo a migrar para outras partes da Venezuela.

Rios e Carvalho (2018) demonstram como a plantação Ocumo chino nas décadas de 1920 e 1940 em algumas regiões do Delta, impactou diretamente na retirada de Buriti, pois outros povos deslocaram para sua região para trabalhar com cultivo do Ocumo chino e “expulsaram” os Waraos, pois não estava mais no controle total de suas terras, e assim, migraram para outras regiões da Venezuela

Entre as décadas de 1920 e 1940, ocorreu a introdução do cultivo de ocumo chino em algumas regiões do Delta, onde havia a prática extrativa tradicional do moriche (buriti), retirando a exclusividade dos Warao sobre o uso de seu território e forçando o deslocamento de vários indígenas em direção a outras regiões, como Guayo, Merehina e o Curiaco, e o estabelecimento de muitos Warao em cidades como Barrancas e Tucupita. (RIOS; CARVALHO, 2018, p. 159).

Outro exemplo de expropriação dos Waraos de seus territórios ocorreu na década de 1960 que impactou fortemente nas vidas dos indígenas devido a construção de uma barragem no Rio Manamo, um dos afluentes do rio Orinoco, “possibilitando o acesso à cidade de Tucupita por terra, com o objetivo de expandir a agricultura” (RIOS; CARVALHO, 2018, p. 159). Essa

construção impactou muito a vida dos Warao, pois perderam muitas terras e o meio ambiente foi muito prejudicado, assim provocando a expropriação rural.

Conforme relata o MPF de Roraima (2017)

O Rio Manamo foi barrado por um dique/estrada em 1965 pela Corporación Venezolana de Guayana (CVG) com a finalidade de aumentar as terras aptas às atividades agropecuárias, afetando áreas situadas no estado delta Amacuro e Monaga, e para dar acesso por terra à capital Tucupita. O Manamo constitui-se em um braço ou afluente do Rio Orinoco. Está situado a oeste do delta e seu nome, que é derivado de uma palavra Warao, significa 'dois', pois se trata de rio que bifurca. (BRASIL/MPF, 2017, p. 10)

A década de 1990 foi o período na Venezuela que o governo mais investiu no ramo petrolífero, que assim forçou ainda mais as migrações dos indígenas, principalmente os Waraos, que buscaram nas cidades a mobilidade em massa para tentar uma nova vida.

Conforme Castro (2000).

Resulta obvio que hayan sido los centros poblados más cercanos a su lugar de origen los que recibieran al principio el mayor número de emigrantes. Por consiguiente, la capacidad de absorción en el área laboral de los diferentes centros urbanos criollos determinaría la recepción de los desplazados según los criterios ya mencionados. Por el contrario, la opción obligada de aquellos que no hablaran o dominaran el castellano y no poseyeran calificación técnica mínima adecuada, sería el sector mendicante y de prostitución; al principio por la imposibilidad de insertarse en otro sector, pero más recientemente, simplemente porque representa la posibilidad real de obtener mayores ingresos en lapsos más cortos que si se dedicaran a otras actividades. (CASTRO, 2000, p. 82).

Com isso, nas cidades os Waraos utilizam a migração temporal ou pendular como estratégia de sobrevivência nos meios urbanos com deslocamentos curtos e com objetivo de analisar as melhores condições do local.

Ainda segundo Castro (2000):

Los testimonios expresados por los mismos Warao no dejan lugar a duda de que estamos ante una estrategia de supervivencia, en la cual hay un movimiento continuo de emigración temporal, por cortos lapsos, de ciertos grupos que se insertan limitadamente en los medios urbanos con una estructura relacional que descansa directamente en sus propias formas y normas culturales, es decir, en sus propios términos. Por lo tanto, la aplicación de esta estructura de recolección/distribución de recursos en el medio urbano criollo capitalino, estaría insertada dentro de un proceso de cambio cultural, en el cual los Warao estarían simultáneamente reformulando, modificando y manteniendo ciertos elementos de su cultura, aplicados en un medio diferente y alterados en su aspecto formal, pero no funcional. (CASTRO, 2000, p. 86).

Portanto, por variados motivos, os Waraos “trocarão” de estilo de sedentários por nômades e se adaptaram ao meio que estavam se inserindo, em qualquer cidade ou estado de trânsito ou destino.

Conforme Frias (2013):

Aún cuando en sus inicios los grupos warao fueron considerados grupos nómadas, característica asociada a los grupos de economía de apropiación, estos rápidamente cambiaron su estilo por uno más sedentario ya que el entorno de la sabana del Delta del Orinoco, por su ecosistema estable les proporcionaba una fácil adaptación al medio y un acceso total a sus fuentes de subsistencia. (FRÍAS, 2013, p. 32).

Mesmo as pessoas que se mantiveram em suas comunidades, a migração pendular continua fazendo parte da vida dos Waraos, pois o deslocamento para as cidades tem o intuito de conseguir recursos financeiros como nos trabalhos temporários, venda de artesanato, mendicância, ou simplesmente para resolver alguma pendência ou necessidades pessoais.

Conforme o MPF de Roraima, que realizou algumas entrevistas para um Parecer Técnico (2017),

Eles [indígenas] narram que alguns vivem em comunidades situadas nas beiradas dos rios, mas praticam um ir-e-vir entre estas e as cidades, em viagens para vendas, trocas, trabalhos temporários, obtenção de dinheiro de doações nas ruas e acesso a serviços públicos de saúde, dentre outros motivos. Muitos dos que já vivem em bairros urbanos das cidades em Delta Amacuro e Monagas, de acordo com o que nos relataram, mantém vínculos sociais com suas comunidades ribeirinhas. Assim, os recursos conseguidos nas cidades, seja quando se deslocam temporariamente ou se nelas vivem, podem ser compartilhados nas comunidades. (BRASIL/MPF, 2017, p. 14).

Com isso, os primeiros destinos foram os estados venezuelanos, principalmente as grandes cidades ou capitais estaduais. Porém, com a situação de crise da Venezuela, todas as cidades estavam passando por necessidades socioeconômicas e assim, tiveram que mudar de rota e buscar novos locais.

Conforme Castro (2000):

En los últimos tiempos, estos centros urbanos de la periferia deltana, se han convertido a su vez en focos de emigración de indígenas hacia centros urbanos más lejanos, llegando hoy en día hasta Caracas, Valencia e incluso Maracaibo. Esto se debe a que se ha ido saturando desde tiempo atrás la capacidad de absorción de aquéllos, por lo cual, los grupos que recientemente están desplazándose por las presiones de la cultura criolla moderna, y que mayormente son de la región del Delta Central, deben emigrar a distancias cada vez mayores en busca de la satisfacción de sus necesidades. (CASTRO, 2000, p. 82-83).

No final da década de 1990, “a eleição de Hugo Chávez, em 1998, representou um momento importante para a luta por reconhecimento político e jurídico dos povos indígenas venezuelanos” (HERINQUES, 2018, p. 14). Como os Waraos, também todos os povos indígenas ganham reconhecimento do Estado, conforme o capítulo VIII, no artigo 119 da Constituição da República Bolivariana de 1999, que aborda a reconhecimento dos indígenas. Conforme a análise de Souza (2018), os Waraos e os demais povos indígenas venezuelanos ganham espaço na legislação do país, que posteriormente recebem direitos e deveres, como todo cidadão venezuelano.

Depois desse importante avanço vieram outras leis com foco nos indígenas como relacionadas ao trabalho, demarcações de terra e também, no patrimônio cultural dos povos.

Ainda no governo Hugo Chávez, os Waraos confirmam que ainda tinha incentivo para projetos governamentais para suas atividades econômicas, como trabalho definido pela comunidade indígena. Porém, ao passar dos anos, com a economia muito inflacionada, acabaram perdendo os benefícios e as suas relações comerciais teve queda nas negociações e assim ficaram sem muitas opções de trabalho. Conforme o MPF de Roraima (2017):

Os Warao relataram que no governo de Hugo Chávez havia projetos governamentais que incentivavam a construção de casas, a compra e reforma de barcos, com atividades produtivas definidas com a participação das comunidades e com incentivo para contratação em sistema de rodízio (garantia de uma semana de trabalho por mês para todos os indígenas). Relataram também que tais incentivos e benefícios foram reduzidos ou extintos, sem previsão de retomada. Seu principal produto para relações comerciais com as cidades venezuelanas, o pescado, passou a ter baixa procura. Além disso, com a economia hiperinflacionada, os produtos dos quais dependem por meio da compra, estão com o preço muito alto. (BRASIL/MPF, 2017, p. 19).

Nesse sentido, “apesar do grande progresso em alguns âmbitos de grande destaque, o governo de Chávez também apresentou falhas e deixou lacunas. Ao desconsiderar a relação especial dos povos indígenas com os recursos naturais e, conseqüentemente, a ausência da noção branca de propriedade” (SALMÓN, 2000 apud SOUZA, 2018). Com avanços e falhas, o governo de Hugo Chávez se encerrou em 05 de março de 2013 com sua morte, posteriormente seu vice Nicolás Maduro assumiu o poder, ainda seguindo a ideologia do chavismo, porém, sendo mais autoritário e antidemocrático, e a partir desse contexto, acontecem muitas violações de direitos humanos que afetou a população em geral.

Dessa maneira, o “[...] contexto de instabilidade política, violência, perda de direitos e falta de acesso a bens e serviços básicos à sobrevivência que os Warao migram para o Brasil” (SOUZA, 2018, p. 86). E assim, pessoas que estavam acostumadas a se deslocar internamente

na Venezuela, e com a perspectiva de crise em seu país, viram à única alternativa passar o perímetro do limite internacional e entrando em outro país e estando suscetíveis a sofrer preconceito, sem saber se vão obter algum auxílio governamental ou da sociedade civil e sem ter domínio do português.

Outro ponto importante para a reflexão, refere-se a questão populacional dos Waraos, segundo os dados do Censo venezuelano de 2011, conforme abordaremos a seguir.

Segundo o Censo Nacional de Población do Instituto Nacional de Estadística, na Venezuela (VENEZUELA, 2011), há aproximadamente 51 povos indígenas. O povo Warao é a segunda maior população deste país, com 48.771 pessoas, deste total, 24.848 eram homens e 23.923 mulheres (VENEZUELA, INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2011). Os Waraos ficam bem atrás dos Wayuu/Guajiro, maior população indígena do país, conforme informa o INE (2011), de acordo com a tabela 01.

Na tabela 01 destacamos a população indígena venezuelana, por quantidade temos uma noção, de como está a posição numericamente dos Warao dentro das maiores populações indígenas do país pesquisados pelo Censo de 2011.

Tabela 01: Os dez povos indígenas mais populosos da Venezuela, 2011

Povo indígena	Quantidades	Porcentagem (%)
Wayuu/Guajiro	413.437	57,1
Warao	48.771	6,7
Kariña	33.824	4,7
Pemón (Arekuna, Kamarakoto, Taurepán)	30.148	4,2
Jivi/Guajibo/Sikwani	23.953	3,3
Kumanagoto	20.876	2,9
Añú/Paraujano	20.814	2,9
Piaroa	19.293	2,7
Chaima	13.217	1,8
Yukpa	10.640	1,5
Demais povos	89.619	12,2
Total:	724.592	100

Fonte: Censo Nacional de Población y Vivienda, 2011 (Organizado pelo autor).

E na tabela 02, o verificamos a presença dos Warao na Venezuela, na distribuição por estado segundo INE (Instituto Nacional de Estadística).

Tabela 02: Presença dos Warao na Venezuela por Estado (2011)

Estados Venezuelanos	População	%
Delta Amacuro	40.280	82,6
Monagas	6.588	13,5
Bolívar	850	1,7
Sucre	727	1,5
Demais Estados	326	0,7
Dependências Federais	0	0
Total	48.771	100

Fonte: Censo Nacional de Población y Vivienda 2011 (Organizado pelo autor).

Dessa forma, os Waraos têm presença em todos os 25 estados venezuelanos, porém, com mais densidade nos estados de Delta Amacuro, Monagas, Bolívar e Sucre. Nos restantes dos estados, a presença é muito inferior. No Censo de 2011, não houve registro da presença de Waraos nas Dependências Federais, que são ilhas pertencente a costa venezuelana.

Todavia, quando analisamos o estado com maior percentual de presença de cidadãos indígenas Warao, que no caso é o Estado de Delta Amacuro, percebemos o tamanho de sua territorialidade indígena, pois, conforme dados do Censo Demográfico de 2011, o Delta Amacuro possuía o quantitativo de 165.525 habitantes (indígenas e não indígenas), dessa maneira, os Warao com seus 40.280 habitantes, percentualmente são 24,3% da população do estado.

Portanto, o estado Delta Amacuro apresenta a divisão territorial dos seus quatro municípios: Antônio Dias, Casacoima, Perdernales e a capital Tucupita. Além disso se apresenta como o Estado mais densamente povoado pelos Waraos.

3. IMIGRAÇÃO PARA O BRASIL

Pelos diversos fatores os Waraos transpassaram os limites territoriais de seus estados e país para buscar novas oportunidades, e assim chegaram ao Brasil. O primeiro estado a ter recebimentos dos Warao foi Roraima, pela sua posição geográfica de fazer fronteira com a Venezuela, e a primeira cidade foi Pacaraima. E com esse deslocamento, percebemos o quão

grave está sendo a crise em seu país, pois não estava acostumado a transpassar o limite internacional, somente, internamente.

Conforme Santos (2019):

Motivados pela crise política e econômica de seu país de origem, os Waraos se deslocaram de sua região de origem, do Delta do Orinoco, na República Bolivariana da Venezuela, para o Brasil, entrando pelo município de Pacaraima, cidade fronteiriça com a cidade venezuelana de Santa Elena do Uairén. A chegada dos índios da etnia Warao no Brasil foi um fenômeno considerado novo, pelo fato desse grupo étnico não viver na região fronteiriça com o estado brasileiro. (SANTOS, 2019, p. 22).

Uma característica da migração dos Waraos é que nunca estão sozinhos, andam sempre com suas famílias, e pelas condições financeiras e/ou trajeto escolhido analisam toda a conjuntura local para fixar residência. Dependendo da situação da cidade, os Waraos vêm com toda família ou por parte. Conforme cita o Ministério Público Federal de Roraima:

Os indígenas Warao que se dirigem para o Brasil o fazem em grupos familiares. Muitos dos que aqui se encontram já se conheciam nas suas regiões de origem; outros se conheceram no trajeto ou quando já se encontravam nas cidades no Brasil (Pacaraima, Boas Vista e Manaus). No decorrer deste trabalho, soube-se também da presença de famílias Warao na cidade de Manaus e que estas, antes de se dirigirem à capital amazonense, já haviam passado por Pacaraima e Boa Vista. Este dado indica o dinamismo dos processos de mobilidade Warao que, no contexto brasileiro, se encontram em pleno curso. (BRASIL/MPF, 2017, p. 16).

Dessa forma, os indígenas estão saindo da Venezuela para chegar até Pacaraima (RR), primeira cidade de fronteira brasileira, percorrem uma distância considerada, aí quando chegam em Boa Vista (RR) ou Manaus (AM), que se tornaram cidades estratégicas para decidirem para onde irão se deslocar. Posteriormente, muitos estão indo para as cidades do estado do Pará ou para a região Nordeste, sempre com o intuito de analisar as condições da cidade desde o apoio governamental até a população em geral.

Para Santos (2019)

Os Warao seguiram uma rota de cerca de 930 km, partindo do Estado de Delta Amaruco, na Venezuela, passando pelas cidades de San Felix, Puerto Ordaz e chegando à cidade fronteiriça de Santa Elena do Uairén. Daí eles atravessam a fronteira para o lado brasileiro, passando ou se fixando em Pacaraima/RR. Eles chegaram à capital de Boa Vista/RR pela BR 174 e uma parte dessa população seguiu para a cidade de Manaus/AM, seguindo a rota da mesma BR. De Manaus uma parcela do grupo seguiu para Belém, Santarém/PA, Altamira/PA, Jacareacanga/PA (Aldeia Karapanatuba, TI Mundurukânia). Recentemente, tivemos informações que chegaram às capitais do nordeste, Teresina/PI, São Luís do Maranhão/MA, Fortaleza/CE e Natal/RN. (SANTOS, 2019, p. 22).

Rondônia também entrou nesse corredor nacional dos Waraos pela facilidade da ligação de Manaus (AM) a Porto Velho pela rodovia BR 319, e nessa cidade encontraram ajuda da população e a coleta dessas pessoas faz parte do cotidiano portovelhense, com placas escritas com pedido de ajuda.

Com isso “os Warao promovem um verdadeiro programa de interiorização próprio [...]” (SANTOS, 2019, p. 76), passando por várias cidades, fixando ou prosseguindo para outros destinos. Principalmente com as crises política, econômica e social da Venezuela se agravaram nos últimos anos, fazendo que milhares de venezuelanos encontram-se emigrando para o Brasil, e estão fazendo parte do cotidiano das cidades, principalmente na região Norte, pois as diversas capitais estão ligadas pela facilidade das rodovias, e quando percebem que na cidade onde estão não tem mais condições de lhes ajudarem, partem para novos destinos. Como Porto velho (RO) tem uma forte ligação com Acre, e também é ligada por estrada, no caso a BR 364, colocaram o Acre novamente na rota de mobilidade humana, porém novos personagens, e partir desse contexto, os Waraos chegam à capital Rio Branco.

4. MOBILIDADE ATÉ O ACRE

O deslocamento espacial dos venezuelanos e demais nacionalidades que por inúmeros motivos estão imigrando para o Brasil, pelo estado do Acre, tem um contexto muito complexo. Podem atravessar diversos países para entrar na fronteira, pela microrregião de Brasiléia (AC), ou se deslocar por dentro do próprio país de destino, transpassar diversos estados e chegar até a capital Rio Branco.

Rio Branco, por ser uma capital de um estado de fronteira, convive com a movimento pendular de migrantes, dessa forma, a realidade mais comum que os municípios rio-branquenses estavam acostumados eram os bolivianos e peruanos, por questão de negócios ou visita a amigos ou parentes que tivessem moradia nessa área de abrangência da tríplice fronteira (BRA-BOL-PER). No entanto, fora desse contexto de limite territorial, não se via com frequência outras nacionalidades visitando o estado, pelo menos até os intensos fluxos de haitianos, caribenhos e africanos.

Entretanto, com o passar dos anos, milhares de pessoas estão se deslocando pelo Acre, e ficou comum a cena de imigrantes de diversas nacionalidades pedindo dinheiro ou ajuda nos semáforos das principais avenidas da cidade. Neste sentido, iremos abordar o caso dos indígenas venezuelanos Warao que percorrem diversas cidades do Brasil, pois não diferente de

outros imigrantes, estão em situação difícil, conforme explica um parecer técnico do Ministério Público Federal do Amazonas (2017):

Os Warao afirmavam que sua vinda para o Brasil era motivada pela busca por alimentos, dinheiro, medicamentos e trabalho (fixo ou temporário). A escassez de comida e seu alto custo na Venezuela eram constantemente ressaltadas como as principais causas para saírem de seu país de origem. Muitos relatavam que alguns familiares haviam se deslocado um ou dois anos antes para o Brasil, retornando com a notícia de que aqui era possível conseguir comida e recursos financeiros, os quais eram obtidos a partir da venda de artesanato, da prática de pedir dinheiro nas ruas e de trabalhos temporários realizados pelos homens. (BRASIL/MPF do Amazonas, 2017, p. 16).

Nosso primeiro contato com os Warao em Rio Branco ocorreu no dia 7 de outubro de 2019, na avenida Ceará, em frente a uma loja de materiais de construção civil. Eles estavam fazendo a coleta, ou seja, pedindo dinheiro e demais ajuda aos motoristas que paravam nos semáforos. Assim que eles denominam o pedido de dinheiro nas ruas e avenidas da cidade. Ao nos aproximarmos de um desses imigrantes para conhecê-lo e conversarmos, constatou-se uma série de dificuldades: a desconfiança era nítida no olhar e nas falas; e a língua foi um fator que dificultou, apesar de um dos pesquisadores ter o domínio básico do espanhol não conseguiu obter a total compreensão de tudo do que foi falado. Esse contato estava relacionado com a atuação como estagiário da Diretoria de Políticas de Direitos Humanos do Estado do Acre, tendo a devida permissão da coordenadora do Núcleo de apoio à Migrantes e Refugiados para tal aproximação e conversa exploratória. Após a apresentação e esclarecimento da abordagem para o diálogo, constatou-se que estavam mais tranquilos para fornecer informações e, assim, responder o relatório de atendimento.

Naquele momento eram dois casais da mesma família (primos e suas esposas) que se dividiam no cruzamento da avenida para pedir ajuda financeira as pessoas que passavam. Porém, para não perder tempo, somente as duas mulheres, sendo que uma delas estava grávida, mas não sabia o tempo de gestação, quiseram explicar a situação do grupo que era formado por eles e mais sete pessoas, todos da mesma família. Eles estavam viajando há quase um mês, ficaram dois dias em Boa Vista (RR), 14 dias em Manaus (AM), 7 dias em Porto Velho (RO) e estavam há 3 dias em Rio Branco (AC).

Uma característica que diferencia os imigrantes venezuelanos dos haitianos, que tiveram no Acre uma rota importante de imigração para o Brasil, é que eles migram sempre com sua família ou em grupos. Já os haitianos, deslocavam-se primeiramente sozinhos para conseguir trabalho e dinheiro, e só assim, trazer sua família.

Os indígenas Waraos têm como característica a mobilidade pendular para outras cidades, não importando a situação, sempre em busca de oportunidades e melhorias de condições de vida.

Muitas são as estratégias de sobrevivências dos Waraos que já estava acostumado com o deslocamento desde as cidades da Venezuela, também no trajeto até o Brasil, a partir do pedido de dinheiro, roupas, entre outros. Conforme continua explanando o parecer técnico do Ministério Público Federal do Amazonas (2017):

É importante destacar que os Warao mobilizam algumas estratégias de sobrevivência no contexto urbano, muitas das quais já eram verificadas nas cidades da Venezuela. Em Manaus, o acesso a bens, comida e dinheiro é alcançado por meios distintos, que envolvem: 1) a prática do ‘pedir’; 2) a venda de artesanato; 3) doações (sobretudo de comida, roupas, material de higiene e utensílios domésticos) realizadas por organizações da sociedade civil ou por ações individuais; e 4) fornecimento pontual de alimentos e outros bens (como colchões, por exemplo) realizado pelo poder público. (BRASIL/MPF do Amazonas, 2017, p. 21).

Em Rio Branco, os indígenas Warao utilizavam para pedir dinheiro era uma placa de papelão, que o marido de uma gestante escreveu com muita dificuldade, pois ele é o único que entende um pouco de português do grupo. Um fato importante identificado é que os Warao ao pedir dinheiro, é que essa tarefa sempre é realizada pelas mulheres sozinhas ou acompanhada pelos seus filhos, o marido fica no papel de vigia, mas nada é imposto, não existe aliciador, é uma ação cultural deles.

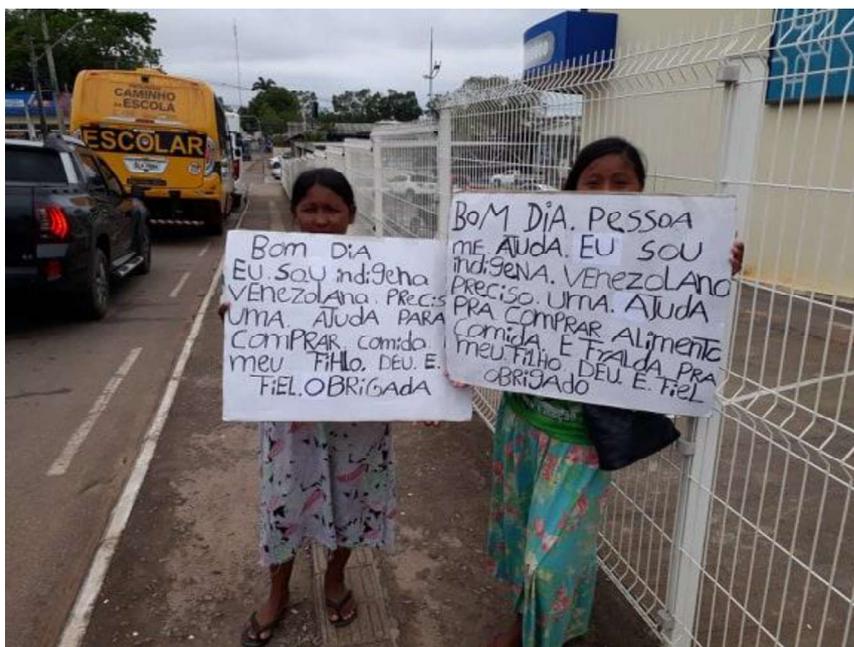
Conforme dispõe Castro (2000)

Por otro lado, está la estrategia particular de adaptación a este medio urbano de los grupos Warao (bandas), que emplean para pedir a las mujeres (en su papel de recolectoras) y los niños, repartidos en un área extensa, en puntos claves de lugares y avenidas del centro de la ciudad, mientras que los hombres se quedan en los lugares de concentración, cuidando los enseres, otros niños que no salen a pedir, encargándose de compras y preparando la comida del grupo (rol atípico en la cultura Warao), añade al anterior un elemento de eficiencia logística que se traduce en una mayor cantidad de dinero per cápita en menor tiempo que el que emplearía un mendigo criollo (...). (CASTRO, 2000, p. 84-85).

Na foto 01, em pesquisa de campo, observa-se duas venezuelanas do grupo de Warao, que estava em Rio Branco, pedindo dinheiro, cena que se tornou comum no cotidiano da capital. “A prática do ‘pedir’ se destaca como uma forma particular de adaptação dos Warao no contexto urbano, em função das dificuldades que se impõem nesse ambiente para a reprodução de suas práticas tradicionais de subsistência”. (BRASIL/MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL DO

AMAZONAS, 2017, p. 22). Nesse sentido, esse hábito é a principal estratégia de sobrevivência nas cidades, como não tem qualificação e não consegue atuar em outros mecanismos como um emprego formal, só lhes resta essa estratégia para conseguir sobreviver nas cidades onde querem residir ou estão de passagem em seu deslocamento territorial.

Foto 01: Venezuelanas Indígenas Warao com placas pedindo ajuda financeira



Fonte: Pesquisa de campo, 07 out. 2019.

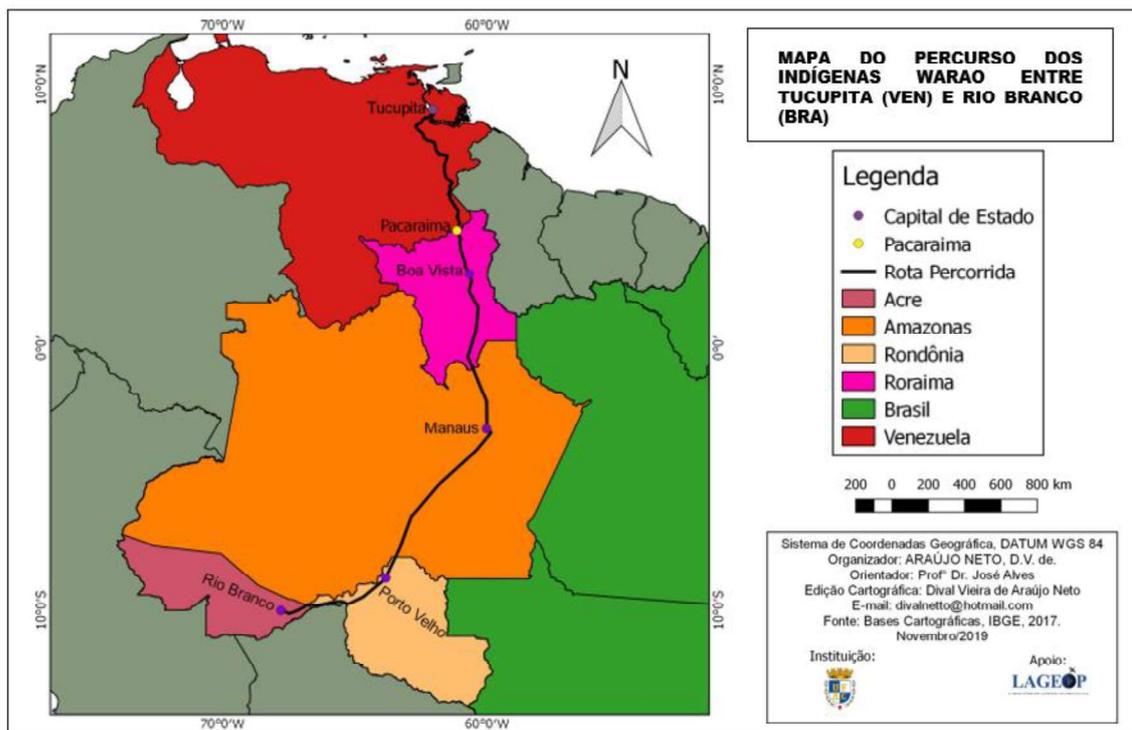
Portanto, com a chegada desses imigrantes e de outras nacionalidades, está ficando comum no cotidiano rio-branquense esse tipo de situação. De carro em carro, de pessoa em pessoa, os Waraos pedem nas ruas para garantir o sustento de suas famílias.

A língua é um fator importante na hora de pedir dinheiro, pois falam sua língua nativa de mesmo nome do povo ou o idioma espanhol, o que vai depender muito do local de onde esse cidadão saiu, mas geralmente chegam ao Brasil falando espanhol. Porém, para se comunicar com brasileiros, pode se tornar uma tarefa difícil, muitos não tem aptidão com outro idioma, por isso a forma de pedir ajuda é fazendo cartazes ou falando devagar para os brasileiros tentar compreender o pedido de ajuda. Isso é muito comum em diversas cidades do Brasil, onde têm passagem ou residência desses recém-chegados ao país, no Acre, especialmente em Rio Branco, a situação não é diferente.

Para chegar ao Acre, o percurso foi grande e desafiador, eles vieram de ônibus durante todo o caminho, com suas economias e de doações que conseguiram durante a viagem, e quando

chegavam na cidade de destino, analisava a conjuntura local, se tivesse as condições para fixar residência, ficavam, se não tivesse, seguiam para outra capital através das rodovias federais. Conforme no mapa 02 do trajeto que eles utilizaram, indicado a seguir.

Mapa 02: Percurso dos Indígenas Warao entre Tucupita (VEN) e Rio Branco (BRA)



Fonte: Org. do autor.

Eles saíram da cidade de Tucupita, capital de Delta Amacuro, que está localizado ao nordeste da Venezuela e se estabeleceram em sete cidades para chegar na fronteira do Brasil, no município de Pacaraima, no estado de Roraima. Nesse deslocamento foram 930 km percorridos. De Pacaraima até Boa Vista, foram mais 215 km e chegando na capital roraimense, viram que a cidade já não comportava mais migrantes, decidiram continuar sua mobilidade para Manaus, que são mais 749 km de estrada. Lá perceberam na mesma situação de Boa Vista, o inchaço populacional de migrantes, principalmente dos seus patriotas venezuelanos e nessa situação optaram por ir para Porto Velho, em Rondônia. Deslocaram-se pela rodovia BR 319 por mais 888 km percorridos, quando chegaram na capital rondoniense, encontraram as mesmas circunstâncias das cidades anteriores, e assim, preferiram ir à Rio Branco-AC, à 511 km. Portanto, o deslocamento total da origem à Rio Branco foi de 3.293 Km.

5. SITUAÇÃO DOS IMIGRANTES WARAO NA CIDADE DE RIO BRANCO (AC)

Durante as atividades de trabalho de campo constatou-se que todos os dias os indígenas estavam no semáforo da Avenida Ceará, no bairro Estação Experimental, próximo à Secretaria de Estado de Assistência Social, dos Direitos Humanos e de Políticas para as Mulheres. No dia 25 de outubro de 2019, compareceram com as crianças do grupo pedindo dinheiro e novamente foram abordados pela coordenadora do NAMIR (Núcleo de Apoio a Migrantes e Refugiados), Maria da Luz, e logo em seguida foram atendidos pelos servidores da diretoria. Na ocasião foi apresentada a situação para a diretora da DIPDH, Francisca Britto, que imediatamente organizou a visita no local de residência dos Warao. A equipe composta pelo estagiário da geografia, uma assistente social e uma psicóloga, foi designada a realizar a visita e elaboração do relatório da situação e encaminhamentos para SEASDHM.

O acompanhamento da Diretoria de Políticas de Direitos Humanos, por meio do núcleo de Apoio a Migrantes e Refugiados, a esse grupo de indígenas Warao foi envolvendo a doação de alimentos, fraldas (doação dos próprios servidores), roupas e encaminhamento de atendimento à saúde. Identificamos que o grupo era composto de 11 pessoas: 5 adultos (uma grávida), 3 crianças e 3 idosos.

A casa onde essa família está hospedada está localizada na zona central da cidade de Rio Branco, mais precisamente no bairro Base, local que é conhecido pela alta periculosidade e também de pessoas de baixa renda ou dependentes químicos residindo nas imediações. O grupo de Warao estava morando em uma espécie de “quarteirão”, moradia constituída de madeira, com vários cômodos geminados em espaço muito pequeno, juntamente com outros imigrantes colombianos, formado por uma família de 04 pessoas (marido, esposa e dois filhos). O aluguel era de R\$ 450,00 por mês, em torno de R\$ 15,00 por dia. Porém, o dono do imóvel verificando o consumo de água e luz do grupo, cobrava mais caro, pois alegava que era muitas pessoas no mesmo espaço que seria dois quartos com dois banheiros. Ou seja, segundo informações o aluguel com até 3 pessoas mantinha o preço de R\$ 450,00, mas como tem 8 pessoas num quarto e mais 3 no outro, aumentava para R\$ 600,00 mês por cada quarto. Com esse valor, todos os dias os imigrantes tinham que ir para as ruas pedir ajuda para conseguir pagar o seu aluguel.

Na foto 02, os imigrantes estão apresentando a sua residência para as técnicas da SEASDHM. É uma cena chocante, pois nesse quarto residem oito pessoas, entre crianças e adultos, com roupas, alimentos e o calor no momento da visita era insuportável. Visualizamos

ainda como estavam as condições de vivência do grupo. Não havia fogão, guarda-roupa, colchão. Das 11 pessoas da família, 8 delas dormiam nesse quarto, em cima do papelão que serve de cama. Não tendo distinção de sexo, dormem crianças, grávida, homens no mesmo lugar, que são todos da mesma família.

Foto 02: Imigrantes apresentando sua casa para a equipe da DIPDH/SEASDHM



Fonte: Trabalho de campo. 25 out. 2019.

Portanto, como foi apresentado neste artigo, os Waraos estão fugindo de uma realidade de crise oriundo de seu país natal e estão migrando pelas diversas rotas e assim acabaram chegando na cidade de Rio Branco (AC), e o meio de sobrevivência observado em campo, foram: as doações das pessoas, entidades e a mendicância nas principais ruas e avenidas da cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilidade espacial de indígenas migrantes e refugiados, como no caso dos Waraos, é um processo complexo, pois envolve diversas características, desde a formação familiar, a migração em grupos, pessoas que necessitam de atendimento especial como grávidas, crianças, idosos, entre outros. Outro fator, é a forma de acolhimento, mesmo que seja algo emergencial e/ou provisório, a assistência governamental e humanitária tem que cumprir os direitos básicos garantidos como educação, saúde, trabalho, alimentação, abrigo. Dessa forma, o Estado precisa direcionar recursos financeiros e capacitação de servidores para execução de políticas de

acolhimento com o foco nas mobilidades de migrantes indígenas e não indígenas que escolheram o Brasil como destino temporário ou definitivo.

Os venezuelanos indígenas Waraos têm a mobilidade espacial como ferramenta de (r)existência tanto na região de origem, quanto no perímetro urbano das cidades venezuelanas. Dessa forma, habituaram a se movimentar pelo espaço geográfico em função do processo de expropriação de seus territórios, principalmente no período da segunda metade do século do XX e início do século XXI. Entretanto, mesmo com essas características de movimento pendular e mais recentemente transfronteiriço, estão sofrendo as mesmas dificuldades de diversos imigrantes quando chegam ao Brasil, principalmente no estado do Acre, quando procuram atendimento na rede de saúde, no CRAS, no terminal rodoviário, secretarias de governo e demais órgãos. Essas instituições não estão preparadas para atender esse tipo de público.

Isto demonstra que as políticas públicas migratórias das três esferas (municipal, estadual e federal) são deficientes e só agem em momentos de emergência, são exemplos os casos dos haitianos e senegaleses no Acre e, mais recentemente, os venezuelanos em Boa Vista – Roraima, que montam uma estrutura de atendimentos e abrigos para atender os imigrantes venezuelanos que chegam todos os dias.

No Acre, mesmo os Waraos tendo várias habilidades laborais, desde a pesca até a confecção de artesanato, em Rio Branco percebemos que a mendicância foi a única saída para conseguir recursos financeiros para a sua sobrevivência. Também foram analisadas as condições de habitação, e o entendimento é que são precárias, principalmente, tendo pessoas com atenção especial; como idosos, crianças e gestantes.

Dessa forma, a experiência desta investigação, no ano de 2019, permitiu iluminar a análise da migração venezuelana indígena que está avançando para dentro do Brasil e com os acontecimentos em seu país de origem, estão emigrando e deslocando por diversas rotas e chegando no Acre, que, diferente de Roraima, não possui fronteira com a Venezuela e assim com os diversos contextos chegaram na capital Rio Branco.

Portanto, a mobilidade dos indígenas Warao no Brasil e especialmente no Acre, tem relação com a forma de acolhimento governamental e da sociedade civil. Além das estratégias de sobrevivência que foi constatada em campo que os indígenas utilizaram a mendicância para sobreviver na capital Rio Branco.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério Público Federal. **Parecer Técnico n.10/2017**. Manaus: Ministério Público Federal, 2017. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/am/sala-de-imprensa/docs/parecer-tecnico-warao> Acesso em: 10 fev. 2020

BRASIL. Ministério Público Federal. **Peça Pericial n.º 01.2017/Antropologia/PR-RR/SP-BV/CRP-4**. Boa Vista: Ministério Público Federal. 2017.

CASTRO, A. A. G. Mendicidad indígena: Los Warao Urbanos. **Boletín Antropológico N° 48**. Enero-Abril, 2000, ISSN: 1325-2610. Centro de Investigaciones Etnológicas - Museo Arqueológico - Universidad de Los Andes. Mérida

FRÍAS, E. E. **El Warao en el Contexto Antillano: Ensayo Etnohistórico-Lingüístico-Arqueológico**. Dissertação (Maestría en Arqueología). Facultad de Arqueología, Centro de Estudios Avanzados, Puerto Rico y el Caribe. 2013.

RIOS, M; CARVALHO, N, T. Novos/Velhos Personagens na Ocupação Socioambiental da Pan-Amazônia. In: COSTA, Beatriz Souza (Org.). **Anais do “V Congresso Internacional de Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável: Pan-Amazônia – Integrar e Proteger”** e do “I Congresso da Rede PanAmazônia”. Belo Horizonte: Dom Helder, 2018, p. 156-172.

SANTOS, J, R, T. **Diáspora dos Índios Warao da Venezuela**. (Dissertação) Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Boa Vista, 2019. 95f.

SOUZA, J, H. Janokos brasileiros: uma análise da imigração dos Warao para o Brasil. **Boletim Científico ESMPU**, Brasília, a. 17 – n. 52, p. 71-99 – jul./dez. 2018

VENEZUELA. [Constituição (1999)]. Constitución de la República Bolivariana de Venezuela de 1999. Caracas: Ediciones de la Asamblea Nacional, [2009]. Disponível em: <http://www.minci.gob.ve/wp-content/uploads/2011/04/CONSTITUCION.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

VENEZUELA. Instituto Nacional de Estadística (INE). **XIV Censo Nacional de Población y Vivienda de 2011**. Gerencia general de estadísticas demográficas. Caracas: INE, 2011.